A BANDEIRA DE PERO COELHO

CARLOS STUDART FILHO

Despachado governador geral do Brasil pelo rei Felipe III, de Espanha, e II, de Portugal, Diogo Botelho aportou em terras americanas a 1.º de Abril de 1602.

O ambiente social da Colonia pouco mudara com o transcorrer de quasi um seculo de vida civilizada

Como nos albores da conquista, o espirito popular continuava alvoroçado pelas lendas ruidosas que opulentavam de metaes nobres e gemmas preciosas o nosso *hinterland* e pelo temor das incursões predatorias dos indigenas e piratas estrangeiros.

Em cem annos, muito se expandira sem duvida a raça branca na antiga possessão lusitana; todo o extenso costão levantino do Brasil pontilhara-se de engenhos e vilarejos e, para as bandas do norte, o desbravamento attingira já o Rio Grande do Norte, onde se erguia agora o fortim dos Santos Reis Magos.

Immensos tratos de nossa gleba littoranea permaneciam, porém, abertos á exploração economica de audazes entrelopos de Brest e S.-Malo, e malgrado numerosas expedições de reconhecimento, as phantasiadas minas jaziam ainda ignoradas no imo dos sertões distantes. Amiudavam-se as razzias de corsarios e dia a dia encrudeleciam as hostilidades dos nativos.

Exarcebados contra os reinicolas, os aimorés estavam levantados em armas, talando a Bahia, S. Amaro, Ilhéus e Porto Seguro.

Ao recém-vindo, que fixara residencia temporaria em Olinda, onde o levara a necessidade de enca-

minhar a bom termo questão de alta relevancia politica, se antolharam, portanto, todos esses graves problemas administrativos.

Do ultimo cogitou sem demora o successor de D. Francisco de Sousa; entrando em entendimento com os jesuitas, que já dominavam por completo a alma e o coração do selvicola, pôde mandar em defesa das capitanias assoladas forte contingente de guerreiros potiguares, sob a direcção suprema do famoso Zorobabé.

Enquanto assim se cuidava da segurança dos moradores das regiões sulinas, os franceses, expulsos do Rio Grande, continuavam a frequentar assiduamente a costa leste-oeste, nella assentando novas feitorias de escambo.

Para bater tão importunos e tenazes adversarios, levando a conquista ás remotas plagas da ilha de S. Luís, offereceram-se ao governador alguns homens audazes, irresistivelmente attrahidos pela miragem das riquezas auriferas do meio norte brasileiro. Entre os que assim zombavam do preconceito em voga de ser aquella terra inaccessivel aos europeus, preconceito de que nos dá conta o chronista Diogo de Campos Moreno nas páginas da «Jornada do Maranhão», estava Pero Coelho de Sousa, homem nobre, residente na Felipéa, onde, pelo anno de 1590, fôra membro do Senado da Camara da Parahyba e que na epocha ali vivia como simples colono.

Heroe de feitos guerreiros notaveis na Africa e no Levante, igualmente affeito ás cruezas do mar e aos perigos das matas americanas, aquelle homem parecia talhado para levar a bom termo a empresa que se propunha realizar. Obrigando-se a sondar todas as barras e portos que houvesse até o rio Amazonas, a pacificar os indigenas dos lugares percorridos e descobrir as minas, porventura existentes em seu caminho, fazia modestas exigencias. Requeria como propina, apenas para si e para os officiaes de seu sequito, o direito de alcançar mercês honorificas de sua magestade e fazer alguns regates licitos.

Feliz em poder retomar, sem grandes dispendios para a fazenda real, a politica expansionista de seu

antecessor, resolveu Diogo Botelho acceitar, desde logo, a proposta do fidalgo aventureiro.

Para fazer-se a expedição, era, porém, necessaria a acquiescencia da junta de letrados, assembléa cujo voto os dirigentes deviam sempre ouvir, para a solução das questões de interesse collectivo. Esta foi mandada convocar sem perda de tempo.

Reuniram-se assim em conclave, na propria residencia do Governador Geral, a 21 de Janeiro de 1603, os homens mais eminentes da Colonia, que então eram Manuel de Mascarenhas Homem, capitão-mór de Pernambuco; Feliciano Coelho de Carvalho, antigo capitão-mór da Parahyba, desembargador Gaspar de Figueiredo; o sargento-mór de estado Diogo de Campos Moreno, e o capitão João de Almeida. Ouvida a proposta de Pero Coelho e as razões que, em favor da realização de seus projectos de conquista, lhes foram expostas por aquella alta autoridade administrativa, discutido e longamente ventilado o assumpto, terminaram os presentes por concordar em ser a jornada ao septentrião brasileiro de muita conveniencia ao serviço de el-rei.

No concerto geral dos pareceres concordantes, uma unica voz destoou.

Foi a de Manuel de Mascarenhas Homem. Não guarda a chronica as razões por que opinou em contrario a seus pares. Inferem-se, porém, facilmente. Veterano das cruentas campanhas contra os indios e franceses na Parahyba e Rio Grande do Norte, o antigo capitão-mór da conquista conhecia bem os perigos e precalços a que se expunham empresas desse genero.

Descria, portanto, da efficiencia e do successo de uma expedição feita nos moldes daquella que se ia realizar. Organizada sem auxilio official e sem tropa regular, parecia-lhe, por certo, de antemão fadada ao completo fracasso. Qualquer que tenha sido, porém, o motivo de seu voto dissidente, deram-lhe razão, em parte, os ulteriores acontecimentos.

Acceita a proposta, obteve Pero Coelho a patente de capitão-mór da nova conquista, datada de 21 de Janeiro de 1603.

O regimento pelo qual devia nortear-se era concebido nos seguintes termos:

—Regimento que hade seguir o Capitão-mór Pero Coelho de Souza nesta jornada e empreza, que por serviço de Sua Magestade vae fazer

> Porquanto á obrigação de meu cargo compete ordenar as cousas deste Estado na forma que se consiga o effeito que em semelhantes conquistas Sua Magestade pretende, que é, por meios licitos, dilatar-se a nossa santa fé catholica e impedir-se o commercio de estrangeiros, que contra pazes capituladas e fóra de obediencia de seu rei, vem a portos deste estado, e, como, por experiencia, se tem visto depois do Rio Grande fortificado irem ao Jaguaribe, donde se sabe haverem levado amostras de ouro a suas terras, ordenei com deliberado conselho das pessoas que no estado ha, de experiencias e lettras, que se descobrisse por terra o porto do Jaguaribe e se tolhesse o commercio dos estrangeiros, além de descobrirem-se as minas que na terra ha, offerecendo-se pazes, em nome de Sua Magestade, a todo o gentio; e para esse effeito elegi por capitão-mór dessa entrada a Pero Coelho de Souza, que conformando-se com estes, os seguirá na ordem seguinte:
>
> «levará até a quantia de duzentos homens, que voluntariamente com elle quizerem ir, levando um ou dois sacerdotes, de vida e costumes approvados, com o gentio, que na mesma fórma, com elle quizer ir até a quantia de mil pessoas:
>
> «dividirá os brancos em companhia de cincoenta pessoas cada uma, limitando-lhe seus officiaes, para que sejam governados e não haja as confusões de que tantas perdas em semelhantes entradas, houve;
>
> «o soldado que fugir ou não guardar os bandos, em materias importantes, que em pena capital lhe forem postos, capitalmente serão

castigados, para que, com o exemplo do castigo, cumpram os demais sua obrigação;

«o que se amotinar ou se fizer parcial, será castigado capitalmente;

«por todas as vias procurará paz e não consentirá que pessôa alguma que saiba lingua da terra falle com o gentio sem sua ordem e linguagem, porque desse inconveniente tem a experiencia mostrado perderem-se muitos capitães e assolar-se muito gentio, por inimizades que os taes semeiam;

«ira por lingua-mór Manoel de Miranda, pela confiança que nelle tenho, e em todas as fallas procurará a paz e amizade que da minha parte se offerecerá;

«tanto que for partido, descobrirá os portos que mandou sondar e arrumar, tomando o gráo e altura de cada um; achando estrangeiros, os prenderá e tomará seus navios, assentando-lhe os bens e m'os mandará presos e defendendo-se, os matará;

«procurará por todos os modos licitos descobrir todas as minas, assim de ouro, como de prata ou pedras, e de tudo me irá avisando;

«fará povoação e fortes nos logares ou portos que melhores lhe parecerem, procurando a amizade dos indios, offerecendo-lhes paz e a lei evangelica, sem os induzir nem prometter cousa que se não lhes cumpra;

achando alguns indios que tenham captivos contrarios a uns que costumam matar em terreiro e comer, pelas guerras que com outros incitem, os poderá mandar resgatar e assim poderá fazer nas mais ocasiões, não se lhes fazendo força nem violencias;

procurará que em cada aldeia que receber a paz, se levante uma cruz com muito acatamento e veneração, declarando-se o mysterio della;

a paz que se fizer, se mandará autoar com as condições della;

> procurará a união de um gentio com outro, e sendo offendido de alguma contra razão se poderá defender si offendel-o, procurando o melhor modo que puder para sua reducção;
>
> usará nas cousas repentinas do que melhor lhe parecer conforme o tempo e a occasião, elevando por fundamento a ampliação da fé catholica e a paz que conforme os serviços que a Sua Magestade nisto fizer, valerá de Sua Magestade as mercês devidas.
>
> Este regimento manda-se cumprir e se registre no livro da Camara e no dos registros da minha camara, para que a todo tempo conste como elle foi dado.
>
> Olinda vinte e um de Janeiro de mil seiscentos e tres. O Govrnador, Diogo Botelho.

Apesar das disposições taxativas dessas instrucções escriptas, a empresa tinha fins mais mercantis que civilizadores. Pero Coelho era um desses fidalgos ilhéus de rija tempera que a ansia de aventuras e a sêde de riquezas e glorias lançara ás plagas americanas. Sua conducta pregressa denunciava-lhe, aliás, o espirito agitado e interesseiro.

Visando lucros, deixara annos antes o commando de uma galé do rei para se associar ao cunhado Fructuoso Barbosa, também fidalgo e commerciante, nas tentativas frustadas de colonizar as terras parahybanas, em 1582 e 1584. Semi-arruinado, procurava agora uma compensação aos grandes prejuizos que soffrera trocando a farda da marinha pelo gibão de conquistador.

Metido em tal expedição, não lhe sorria, portanto, outro intuito senão o de rehaver os ricos cabedaes perdidos.

Dando inicio ao ousado commettimento, expediu Pero Coelho para o rio Jaguaribe três caravellões («2», escreve Berredo), com viveres e munições, para lá encaminhando-se por terra á frente de seus homens. A carga dos barcos compunha-se, além dos mantimentos, de ferramentas e quinquilharias de valor pouco consideravel para resgate.

Em sua companhia seguiam sessenta e cinco soldados, inclusive o lingua-mór Manuel de Miranda, pessoa de inteira confiança do governador geral e habilitado pela sua larga vida de sertanista a auxiliá-lo mais do que nenhum outro na planejada empresa.

Do numero fazia parte um jovem cujo nome havia de mais tarde crescer, avolumando-se incomparavelmente no scenario de nossa primitiva historia e que, por ordem do tio, o sargento-mór de estado, metera-se entre aquelles aventureiros. Chamava-se Martim Soares Moreno e tinha cerca de 17 annos de idade.

Abaixo do Capitão-mór, iam por cabos da tropa Simão Nunes Correia, João Cide, João Vaz Taparica, individuos valentes e igualmente affeitos ás fadigas e aos perigos das guerras de conquista.

Contava também com o concurso dos nativos. Além do interprete *Cangatan,* seguiam-no perto de duzentos guerreiros indigenas, assim tabajaras como potiguares, que obedeciam, aquelles, aos principaes *Mandiocapuba, Batatan* e *Caragatim,* estes, a *Caraquinguera.*

A' expedição incorporara-se o interprete francês *Tuimirim,* conhecedor antigo dos costões nordestinos, que foi mandado seguir nos barcos de mantimentos para guiá-los através daquelles mares semeados de parcéis e bancos de areia. Aggregara, portanto, o Capitão-mór, em torno de si, cerca de 265 homens, entre brancos, selvicolas e mestiços, numero muitissimo inferior ao estipulado no regimento que lhe havia sido outorgado e que lhe permittia, como vimos, conduzir consigo duzentos portugueses e oitocentos flecheiros indigenas. Tão minguado contingente fôra, porém, tudo quanto lograra reunir, após ingentes esforços, na exigua e miseravel aldeola fundada por Martim Leão, em 1585.

Nem o capelão, a figura sympathica e como que obrigada das entradas brasileiras, pudera elle enrolar na bandeira sinistra para amenizar a rudeza innata de seus terriveis asseclas. Lidador de velha tempera, o chefe julgava-se, não obstante, perfeitamente apparelhado para a acção. Tinha confiança em si e

no destino. E era tal seu optimismo, que se transfundiu aos companheiros, e assim partiram, «tão cheios todos de alegres esperanças que nenhum duvidava da felicidade do successo», consoante narra Berredo, em seu estilo retorcido.

Era aquillo, com effeito, gente da pior especie que havia no governo de Pernambuco; mamelucos semi-selvagens, tangos maus e homiziados, homens que nunca haviam servido a el-rei e a quem fascinara apenas a perspectiva de lucros faceis ou a promessa de perdão e esquecimento de crimes já commettidos; gente, enfim, «que ainda que se arrisque não fazia nenhuma falta ao serviço de sua magestade e ao bem commum do Estado», como o proclamara pomposamente o governador Diogo Botelho ante seus pares, na reunião de 21 de Janeiro de 1603.

Ouro, ambar e escravos haviam sido as palavras magicas com que o capitão-mór da conquista movera aquella malta de aventureiros.

Refere Berredo que Pero Coelho se pôs em marcha em Junho de 1603; menos preciso, neste ponto, Diogo de Campos Moreno diz apenas que elle partiu pelas monções. Frei Vicente do Salvador regista, na «Historia do Brasil», o mês de Julho como sendo o do inicio da arrancada. A data mencionada por frei Vicente é a mais acceita pelos nossos historiadores, todavia a consignada por Berredo parece a mais correcta, tendo-se em vista não só a epocha em que a expedição chegou ao Jaguaribe, mas também o facto de começarem em Junho as monções do sul. (1)

Como quer que seja, partiram os bandeirantes parahybanos para as bandas do Norte na mais propicia das quadras annuaes. Fins de aguas, quando todo o nordeste nada em alegria e abundancia.

Viajando sem contratempos outros que os peculiares ás longas e cansativas peregrinações através de uma terra aspera e quasi desconhecida, alcançaram os expedicionarios as extensas varzeas do Ja-

---

(1)—Veja-se a carta que ao Superior dos Jesuitas em Portugal dirigiu da Bahia, a 16 de Outubro de 1585, o Pe. Fernão Cardim.

guaribe. Ali lobrigaram, desde logo, fundeados no leito espraiado do grande rio cearense, os barcos que transportavam os mantimentos e as munições.

Até aquelle ponto a travessia se fez sempre pela praia, de onde poderiam ser avistadas as velas amigas que costeavam, e fiscalizadas, ao mesmo passo, as abras littoraneas em cujo recesso se vinham abrigar os traficantes estrangeiros, para o commercio illicito dos productos da terra. Evitava-se, outrosim, abysmarem-se os homens no sertão ainda inteiramente desconhecido e povoado de gentios de corso e de feras bravias.

Durante a marcha entraram os itinerantes em contacto com os pequenos nucleos semi-civilizados, abrolhados já ao largo das terras potiguares, donde conduziram consigo muitos indios, valentes e experimentados.

No Jaguaribe estavam em pé de guerra os primitivos senhores daquellas terras. Corriam em defesa de suas brenhas contra o bando intruso ou se entrechocavam por futeis questiunculas, daquellas que, de quando em quando, scindiam as nossas tribus aborigenes em grupelhos inimigos rancorosos e irreconciliaveis? A historia não no-lo revela. Sabe-se apenas que para um entendimento amistoso se deteve ali o Capitão-mór.

Seguindo a letra do regimento, fez immediatamente construir de pau a pique, junto á margem esquerda do rio, um pequeno claustro, que foi chamado de S. Lourenço, nome que está, di-lo com muita razão João Brigido, a indicar acharem-se elles em terras cearenses a 10 de Agosto de 1603, dia em que a igreja catholica rememora o glorioso martyr.

Enquanto emissarios de confiança do Capitão-mór exploravam as vizinhanças, procedeu-se ao desembarque das mercadorias trazidas da Parahyba.

Daly mandou, escreve Frei Vicente, o capitão Pero Coelho um soldado com 70 indios a descobrir campo, os quaes tomaram um que andava a comedia, do qual se soube que os seus estavão em arma, e em nenhum modo querião pazes com os brancos; contudo o contentou o capitão com foices, machados

e facas com que o mandou que fosse apaziguar, como foi, e ao dia seguinte tornou em busca de um nossa Lingua com quem se entendessem, o qual lhe soube dizer taes coisas e era gentio tão facil e desapropriado, que deichando suas casas e Lavouras se vierão com mulheres e filhos dizendo que não querião sinão pazes com os brancos christãos e acompanhal-os por onde quer que fossem; o mesmo fizerão depois os de outra aldea á imitação de estoutros.»

Livre o Jaguaribe das agitações guerreiras, reatou Pero Coelho sua marcha para o desconhecido.

No rio Ceará (2) demoraram-se alguns dias para proporcionar repouso ás cunhãs e aos columis que acompanhavam os expedicionarios. Juntam-se á columna novos indios. Seguindo sempre pela praia, passam depois pelo *outeiro dos côcos*, *enseada grande do ambar* e *mata dos paus de côres*, lugares cuja identificação não nos foi ainda possivel realizr. (3)

Em principios de 1604, chegaram a Camucim, após seis meses de agras caminhadas, roteando penosamente quasi 400 milhas de areaes desfeitos da costa leste-oeste.

A 19 de Janeiro, vespera de S. Sebastião, rumaram o sertão. Dias após, na magestade do ermo surge dintinctamente a Ibiapaba. Chegara, enfim, para toda aquella gente, o almejado e solemne momento. O grande sonho dos rudes aventureiros parece prestes a concretizar-se na mais palpavel das realidades. A terra do Eldourado está diante delles, ao alcance mesmo dos menos destemidos. Segregados do convivio das outras tribus de lingua geral, vivia, porém, ali, entre hordas numerosas de tapuias, indios tabajaras ousados e valentes. Batidos no sul, mas ciosos sempre de suas liberdades, elles haviam re-

---

(2)—No dizer de Antonio Bezerra, «Pero Coelho de Souza, no Ceará» in *Rev. da Academia Cearense*. (Tomo VIII. 1903), o rio Ceará seria o Pirangi do mappa de Diogo de Campos Moreno.

(3)—Para Antonio Bezerra, esses nomes serveriam a designar as regiões conhecidas hoje por Morro do Siupé, Paracurú e Jericoacoara. Temos por muito pouco convincentes os argumentos em que elle se estriba para assim opinar.

fluido para a serra muitos lustros antes, e habitavam em cerca de 240 aldeias prosperas e vastas.

Em camaradaria com aquella brava gentilidade, lá andavam também mamelucos, mulatos da Bahia, e marujos franceses. Estes, chefiados por um tal Mambille ou Bambille, cortavam madeira e buscavam metaes preciosos pelas encostas do grande platô; aquelles viviam entregues á vida de ocio e rapinagem, que tanto os seduzia.

Proximo á raiz da serra, as difficuldades do caminho e claros indicios da presença de inimigos em attitude hostil, obrigaram o chefe da expedição a modificar as disposições de marcha de sua gente.

Condicionando-a ás exigencias do terreno, dispôs a força em seis esquadras, duas das quaes amparavam a bagagem da tropa. Uma outra de 20 soldados, sob as ordens de Manuel de Miranda, guardava o flanco da columna, prompta para as explorações e reconhecimentos que fôssem necessarios. Dezeseis soldados constituiam a retaguarda. Fazia a vanguarda Pero Coelho com nove homens apenas Subito, sibilos de flechas e tiros de mosquetes acordam echos nos despenhadeiros distantes. Era um ataque desfechado segundo a tactica india, rapido, inopinado e feroz. Nuvens de setas e pelouros, recortando os ares, abatem-se sobre os caminheiros, fazendo numerosas victimas.

Apesar do imprevisto e da rapidez da investida, reagem de prompto os portugueses, e correrias em tropel perturbam de novo a quietude daquellas paragens agrestes, annunciando a debandada dos assaltantes. A peleja foi curta, mas os mortos largados no campo pelos fugitivos mostravam a crueza desse primeiro encontro entre lusitanos e tabajaras cearenses, povos que iriam contribuir, mais tarde, tão intensamente, para a formação do *melting-pot* nordestino. Batidos os aggressores, acampou a tropa junto á meia encosta da serra, em sitio escalvado e aspero, construindo, apressadamente, um arraial, defendido por tosco muro de pedras soltas, por não haver no lugar madeira para levantar tranqueiras. Encurralados em tão improprio local, a que os levara a urgente necessidade de defesa, e do qual

não se podiam afastar sem risco de vida, cedo conheceram as agruras da fome e da sêde. Succumbiram á falta d'agua, sob o sol ardentissimo de Janeiro, numerosas crianças, filhas dos indigenas cearenses que acompanhavam a bandeira.

Em sobrevindo a noite, mais se aggravaram os padecimentos daquelles homens. Os assaltos recrudesceram e pelas encostas cirandava a indiada inimiga, prelibando já a alegria de uma victoria que lhes parecia certa.

A malta feroz, gritando que em breve teria por prisioneiros todos aquelles perós detestados e lançando-lhes flechas e bolas de funda, não lhes deixavam mora a qualquer descanso.

Salvou-os, dos perigos dos certeiros projecteis e das agonias da sêde, chuvarada propicia, que, caindo pela madrugada, pôs em debandada os atacantes e represou agua nos agrestes e profundos grotões da serra, com que todos se puderam dessedentar.

A carne do ultimo cavallo que conduziam, morto por ordem do Capitão-mór e distribuido em rações, mitigou a fome lupina da soldadesca. Para os demais era impossível chegar, porque ascendia a quasi 5000 o numero de nativos incorporados á expedição.

Pela manhã o toque de uma trombeta bastarda annunciou que os inimigos queriam parlamentar. Respondeu ao appello Tuimirim com o toque de instrumento identico, indo á fala com seus compatriotas. Numa eminencia proxima encontrou três franceses, sendo por elles informado de que Jurupariaçú ou Diabo Grande, um dos maiores do lugar e chefe dos brasilienses ali presentes, acceitava a paz; queria, porém, para deixar a passagem livre aos expedicionarios, que lhe fôssem entregues Manuel de Miranda e Pedro Cangatan. Era exigencia dos mulatos da Bahia, a quem não queria faltar. As condições impostas eram, como se vê, demasiado deprimentes para os brios e pundonores lusitanos e por isso nada resultou da entrevista.

A' tarde desceram os indios da serra para atacar mais de perto o entrincheiramento português. Os ar-

cabuzes de quê se achavam providos os sitiados já não constituiam para os indigenas uma novidade que os intimidasse, paralysando-lhes os impulsos bellicos. A superioridade enorme que as armas de fogo davam aos invasores em seus encontros com os naturaes da terra, era, agora, de algum modo contrabalançada pelos mosquetes, que os franceses manejavam com precisão e dextreza. Embora desencadeada com violencia incommum, a offensiva malogrou-se, porém, por completo, prolongando-se a lucta noite a dentro com perdas sensiveis de parte a parte.

Na dura refrega tiveram as forças de Pero Coelho 7 mortos e alguns feridos.

Mais uma vez os moradores do plató e seus auxiliares brancos haviam sido desbaratados; todavia, a situação tornava-se, de hora em hora, mais critica para os vencedores. A posição dominante em que se encontravam as forças de Jurupariaçú facilitava-lhe sobremodo a obra de exterminio. Permanecer inactivo, sob a pressão daquella ameaça, seria para os intrusos expor-se ao completo aniquilamento. Mister se fazia, portanto, abrir caminho para a frente e levar a guerra aos plainos da Ibiapaba, se não quisessem morrer todos ali ou cairem prisioneiros.

Bem o comprehendeu o Capitão-mór, que tomou a iniciativa temeraria de ir ao inimigo. Ao romper o dia seguinte, foram os expedicionarios divididos em dois grupos. Um delles, forte de 25 homens, foi entregue a Manuel de Miranda e tinha por objectivo atacar de frente o valo dos contrarios. O grosso da tropa seguiria sob o proprio commando do chefe, serra acima, para contornar o inimigo e collocá-lo entre dois fogos.

Seria meio dia, quando, arquejantes de calor e de fadiga, chegaram ao alto, entrando as duas forças em contacto junto á estacada inimiga e pelejando vigorosamente. Não obstante a resistencia esforçada dos brasilienses e o fogo vivissimo sustentado por dezeseis franceses que com seus mosquetes cooperavam com a defesa, a caiçara que os protegia foi transposta, e tomada a praça com o sacrificio de 2 soldados apenas.

No reducto conquistado, onde acharam viveres á discrição, deixou-se Pero Coelho ficar com seus abnegados colaboradores cerca de vinte dias, a refazerem-se da fome e das amofinações que tanto os vinham atormentando. Acumulavam energias para novas luctas. Durante esse tempo não permaneciam inactivas as hostes tabajaras. No arraial adverso, situado a um bom quarto de legua de distancia, era de ver-se a azafama com que os principaes Irapuan e Jurupariaçú arregimentavam os seus homens e faziam construir reparos para reforço de suas posições. Retomando a offensiva, já agora avigorados pelo repouso e com os ventres tirados da miseria, os portugueses assaltaram as novas fortificações inimigas, pondo mais uma vez em fuga os guerreiros vermelhos que as guarneciam.

O centro principal de resistencia dos indios da serra não fôra, porém, attingido. Era a propria taba de Irapuan, um verdadeiro campo entrincheirado onde se haviam refugiado todos os vencidos das anteriores pelejas. Vista de longe, protegida por dupla cerca de grossos e rijos madeiros ponteagudos e provida de 3 guaritas, de onde pelejavam os franceses, parecia inexpugnavel e por tal a tinham os brancos e indios. Para pacificar a serra era, porém, necessario rendê-lo. Facilitou a missão dos invasores o plano engendrado pelo Capitão-mór em momento de feliz inspiração. Mandou fazer enormes paveses de madeira, tão grandes, que cada um exigia o esforço de vinte homens para seu transporte, e ao abrigo delles puderam os portugueses achegar-se quasi incolumes ás paliçadas exteriores da praça.

Contra aquelles improvisados escudos, mostraram-se impotentes os rudes petrechos bellicos dos brasilienses e mesmo as armas dos franceses.

Ao rés das posições inimigas, reabriu-se accesa a pugna, que durou dois dias a eito. A cerca, disputada valorosamente por brancos e indios, que combatiam corpo a corpo, caiu finalmente em mãos dos sitiantes. Os sitiados cederam e pelas brechas das estacadas semi-demolidas sairam em debandada louca os guerreiros vencidos de Irapuan e os homens de Mambille.

Na acção, os portugueses perderam três soldados e tiveram quatorze feridos, mas os indios contrarios foram dizimados. Dez franceses, que não lograram fugir, cairam prisioneiros. Aniquilada assim a resistencia francesa, viram-se os nativos perseguidos tenazmente até o imo de suas terras pelos selvicolas alliados e milicianos portugueses. Consolidada a victoria e expurgados os arredores de tropas contrarias, cansados de ferir e de matar, elles estabeleceram arraial junto ao rio Arabé, a quatro dias de marcha do local onde se feriram os cruentos successos já relatados.

Depois da victoria, a pratica violenta e corriqueira das caçadas humanas.

Partiram varios grupos de homens para captivar o gentio fugitivo e desmoralizado. Extensa area planaltica foi varejada em poucos dias e innumeros escravos cairam em mãos dos expedicionarios. Entre os prisioneiros estava um principal, chamado Ubaúna, chefe de grande prestigio em toda a extensa região serrana, cuja captura repercutiu fundamente no animo dos tabajaras e foi como que o rebate á pacificação.

Divulgado o successo, mandaram os outros caciques emissarios a Pero Coelho com propostas de paz, para cuja realização pediam apenas a liberdade do chefe prisioneiro.

O Capitão-mór prometteu satisfazê-los, reenviando os embaixadores com presentes de foices e machados. Desse acto resultou virem muitos principaes da redondedeza render preito ao Capitão-mór, para levarem consigo o seu querido Ubaúna. Livre este, não quiseram os indios da Ibiapaba proseguir na lucta.

Jurupariaçú e Irapuan, os arrogantes maioraes que tão sobranceiramente haviam tratado os estrangeiros, depuseram também as armas e pediram humildemente paz. Vencidos e vencedores assignaram um tratado de amizade, do qual se lavrou acta solemne.

Pacificada toda a planura, nella nada encontraram os avidos bandeirantes de proveitoso que contrabalançasse o peso dos soffrimentos experimenta-

dos na longa e penosa travessia. Também ali os brasilienses não haviam construido uma civilização, cujos despojos pudessem satisfazer a cobiça que ardia insopitada nos corações portugueses.

Viviam á maneira de seus irmãos do nordeste, da simples colheita de fructos silvestres, da caça, da pesca e de minguadas culturas de manipeba, caras e macacheiras. Como elles, eram semi-nomades de costumes barbaros, que se fixavam temporariamente em lugares onde a terra fôsse dadivosa e as matas circumvizinhas abundassem em caça. Da existencia de ouro e pedrarias raras nada souberam ou nada quiseram informar aquelles rudes amerincolas. De golpe, esvairam-se todos os sonhos de riqueza.

Foi então ordenada a partida.

Planejava agora Pero Coelho desalojar os franceses do Maranhão, desse desejado Maranhão, «do qual se diziam tantas grandezas que parecia fabuloso o sitio, as terras, as gentes e tudo mais que ahi se promettia», e incorporá-lo ao patrimonio da coroa felipina. Talvez ali estivesse o almejado *reino de manôa* das lendas americanas.

Muitos indios da serra aggregaram-se espontaneamente á gente de Pero Coelho. Esquecidos das recentes inimicicias, os tabajaras marchavam com os portugueses contra seus alliados da vespera.

Dias depois, estavam á vista de um volumoso curso d'agua conhecido entre os nativos pelo nome de Punaré; era o actual Parnahyba, em cujas margens baixas a columna se detém novamente exausta.

Ali havia de esbarrar de vez a pertinacia do chefe contra a opposição systematica e resoluta de seus companheiros de jornada.

Desfeitos já os sonhos que os movera a caminho do Ceará, arrefecidos o enthusiasmo e a fé no chefe, recusaram-se os homens a caminhar. Para além do rio, dilatava-se a vastidão de novas terras desconhecidas e foi certamente o temor de afrontá-las que desencadeou a revolta. Manifestou-se mesmo entre soldados um forte movimento em favor da eliminação summaria daquelle que os conduzira até ali.

Impossibilitado de proseguir sozinho empós a

fugidia miragem que até então lhe norteara os passos, resigna-se o intrepido bandeirante á retirada.

A breve prazo, ei-lo com sua gente na orilha do Atlantico, junto á barra do rio Ceará. Acompanhava-o uma multidão de prisioneiros, jungidos como se fôssem animaes bravios. Esses infelizes, amansados e afeitos á tyrannia dos brancos, deveriam servir, mais tarde, como de habito, para a préa de novos contingentes de escravos vermelhos. Os franceses captivos marchavam com o bando. Para minorar os prejuizos e o descredito da empresa a que se abalançara tão ligeiramente, resolve Pero Coelho tomar conta da região já conquistada e nella se fixar. A' maneira de padrão de posse, levantou de taipa um fortim, que teve a denominação de S. Tiago.

Embora o porto que lhe ficava proximo fôsse de somenos capacidade, bastava para a singradura e abrigo das pequenas embarcações que perlongassem as costas da Capitania, visando o trafego ou com o intuito de alargar mais para o norte os dominios portugueses.

Cedo, em derredor do rustico *Block-house* surgia um pequeno vilarejo de choupanas de barro e de palha. Foi chamado Povoado de Nova Lisboa. O país circumjacente, que então parecia singularmente propicio á colonização, chrismaram-no os moradores com o auspicioso nome de Nova Lusitania.

Apesar da abundancia de caça e de pescado que a terra offerecia a seus novos occupantes, mister se fazia trabalhar o solo inculto e fazê-lo produzir.

Sem reforços, sem viveres, munições, sementes e ferramentas agricolas, nada era, porém, possivel emprehender de util. Para obter os recursos materiaes de que tanto necessitava, voltou Pero Coelho á Parahyba, deixando Simão Nunes com 45 homens na feitoria recém-installada.

Ia também buscar a familia e negociar os selvicolas escravizados, cujo numero ascendia aproximadamente a duzentos.

Da Filipéa escreveu a Diogo Botelho, dando-lhe conta dos successos da expedição e pedindo au-

xilio para proseguir na conquista; remetteu, outrosim, de presente, os dez franceses prisioneiros e alguns dos indios capturados.

Inteirado de tudo, o governador consentiu em ajudá-lo. Dezoito meses retiveram-no, ali, inesperadas e invenciveis difficuldades oriundas da venda dos selvicolas que trouxera.

Suas presas foram, é certo, julgadas licitas, não só pela junta de letrados de Pernambuco e parecer do ouvidor-geral, mas também pelo voto dos desembargadores da relação da Bahia. O governador não lhe permittiu, porém, commercializá-los. Contrariando a sentença dos seus juizes, Diogo Botelho susteve a venda e appellou para o rei, que, mais tarde, mandou pôr em liberdade todos os bráncos habitantes das selvas cearenses, captivados pelos bandeirantes de 1603. (4)

Em 1605, chegou Pero Coelho numa caravela á povoação de Nova Lisboa, retardio, mas satisfeito. Trazia consigo a esposa, D. Thomasia, os filhos e algum mantimento.

Imagina-se facilmente o alento que ao coração dos portugueses exilados, já faltos de roupa e affligidos pela carencia de viveres, trouxeram aquelles soccorros e a noticia, porventura mais animadora ainda, de que refrescos vultosos viriam noutra barca a chegar sem tardança.

Retemperados os corpos, renasceu em todos os espiritos a alegria e a esperança de dias melhores.

Desgraçadamente, os soccorros promettidos não chegavam e a miseria de novo alastrou-se entre moradores da nascente colonia.

Opinam uns, seguindo a Varnhagen, que, entregue a um aventureiro chamado João Soromenho a ajuda alcançada por Pero Coelho, o portador velejou em direitura ao Jaguaribe e ahi se deixou ficar, esquecido dos seus deveres, a prear indios para ir vendê-los por sua propria conta na Parahyba e no Recife.

---

(4)—Carta régia de 22 de Setembro de 1605.

Outros, com menos fundamento, pensam que o auxilio promettido jamais deixou Pernambuco. Não o teria mandado Diogo Botelho, por lhe haverem informado que iriam servir para captivar injustamente mais indios. Pode-se duvidar de que os soccorros aos bandeirantes parahybanos tenham saido de Pernambuco; não, porém, da lisura com que se houve o Governador-Geral para com o infeliz Capitão-mór da conquista da Ibiapaba. Não obstante a opinião de muitos dos nossos historiadores, Diogo Botelho foi, di-lo o autorizado Varnhagen, «um dos magistrados de mais intelligencia, honradez e energia que vieram ao Brasil».

Sabe-se, com effeito, por documento fidedigno, ter aquella autoridade ordenado á camara de Olinda que fornecesse a João Soromenho mil cruzados para ir ao Ceará levar os soccorros.

Denunciado, por falta de cumprimento de seus deveres, foi Soromenho preso e remettido para Lisboa, sendo processado perante os corregedores da Côrte (5) e encarcerado. Expirou nas prisões do Limoeiro.

Varnhagen cita a Provisão Regia de 19 de Setembro de 1606 ordenando a prisão e processo daquelle sinistro aventureiro. Anteriormente, em 1601 e 1603, elle recebera datas de sesmarias nas margens do Pirangi, que foram, mais tarde, declaradas caducas.

Não foi, portanto, Soromenho, uma criatura de ficção, como parecem querer insinuar alguns estudiosos cearenses.

Entretanto, com a prolongação anormal da estiagem, na Nova Lusitania a vida bruxoleava.

Já famintos e nús pedem os colonos que se transfira o arraial de Nova Lisboa para o Jaguaribe, onde estariam mais perto das terras povoadas e com mais facilidade poderiam ser soccorridos de Pernambuco.

Coagido pela fatalidade a renunciar mais uma

---

(5)—Carta de 10 de Dezembro de 1608.

uma vez a seus projectos, accede Pero Coelho á solicitação dos companheiros e transporta-se para as terras do baixo Jaguaribe.

Ali chegando, depara-se-lhes o mesmo ambiente desalentador da feitoria abandonada. Em derredor, campos comburidos pela canicula, como os que cercavam o fortim de S. Tiago. Por toda a parte, a desolação e a tristeza. Estabelecidos junto ao rio, recomeça a labuta diuturna, tão cheia para todos dos soffrimentos e privações a que pretendiam fugir.

Em taes conjecturas todos esmorecem. Simão Nunes, receoso talvez de que a obstinação do Capitão-mór em persistir naquella terra safara e hostil lhe fôsse fatal, resolve buscar na fuga a garantia da vida.

Sob o futil pretexto de colher fructos silvestres, atravessa com seus homens a caudal, que a secca estreitara, e passa-se para o Rio Grande do Norte. O exemplo do loco-tenente contagia o bando e ninguém mais resiste ao fascinio da debandada salvadora. Até os indios, então ainda doceis e submissos á auctoridade do chefe branco, entram também a desertar, demandando melhores terras e climas menos asperos.

Em companhia do destemido explorador só ficaram dezoito soldados estropiados e doentes, pobres seres que as mazellas physicas, mais do que a noção do dever e da lealdade, haviam ligado ao seu miserando fado. Dos nativos, apenas um, de nome Gonçalo, se conservou fiel.

Vendo-se abandonado e trahido, delibera Pero Coelho regressar á casa na Parahyba. Não havia, porém, uma só embarcação para passar o rio, nem recursos com que as constituisse. Com infindos trabalhos, improvisou-se então, de raizes de mangue, grosseira e fragil jangada, que serviu ao transporte de todo o pessoal.

Alcançada a margem opposta, organiza-se sem perda de tempo a caravana para a longa travessia. Vão á frente os cinco filhos do Capitão-mór, seguem-se-lhes os soldados e elle e a mulher fecham a marcha.

Desde então começa para aquella gente a triste odysseia tantas vezes repetida depois no Ceará e cujas peripecias tragicas nos conservou o relato fiel de Frei Vicente do Salvador, nas paginas opulentas de sua «Historia do Brasil».

A viagem, feita por terra, a pé e em plena secca, através das arenosas e ermas praias nordestinas, iria ser um dos mais dramaticos episodios da lucta pela conquista do Brasil colonial.

Contra a soalheira crestante, nem o refrigerio de uma sombra acolhedora; arraigados ao solo, sobrevivem apenas esqueletos de arvores mirradas e aggressivas. A areia esbraseada tosta os pés dos caminhantes e lhes difficulta a marcha. Ouvem-se, já pela tarde do proprio dia da partida, o surdo murmurar dos descontentes e o choro das criancinhas estropiadas. No seguŭdo dia, a caravana offerecia um aspecto desolador, a fadiga e o desanimo invadiam a todos; sobrancéiro, Pero Coelho carrega os dois filhos menores ás costas por não mais poderem avançar. Começam as queixas de sêde. Esgotados pelo sol de fogo e pelo sopro ardente dos ventos estivaes os ultimos manadeiros, tornara-se a agua extremamente rara. Só no terceiro dia, pela noite, encontram uma cacimba de agua potavel, junto á qual se detiveram dois dias.

Minguam os mantimentos e não ha como refazê-los, porque a caça, tangida pela secca, de ha muito desapparecera daquelle scenario de tristeza e desolação.

A breve prazo, folhas altamente coriaceas e travosas, colhidas nos salitraes, e raizes bravas, desentranhadas a custo do solo inculto, ser-lhes-iam os unicos alimentos. O indio Gonçalo enche duas cabaças dessa agua e com tão magro aprovisionamento partiram de novo. Diante delles, estende-se o littoral deserto a perder de vista numa paisagem monotona e crua. Leguas e leguas vão sendo vencidas em jornadear lento e de continuos sobresaltos. Persegue a destroçada bandeira como uma obsessão, o pavor da fome, da sêde e dos tapuias em revolta, que parecem rondar os arredores e cujos acampamentos mais proximos denuncia o fumo levantado com

intermittencia nos carrascaes. Os piores inimigos eram, porém, a fome e a sêde, que começavam a fazer victimas.

O primeiro immolado foi um miliciano que exercia o officio de carpinteiro. Sepultado o infeliz artesão, recusaram-se os companheiros a levar por diante a desalentadora e sinistra caminhada, e todos se teriam deixado ficar inertes, se não fora a intervenção solicita e animadora do Capitão-mór, que os compelliu a continuar.

Dias de sol candente alternam com as frias madrugadas daquellas praias desabrigadas. Essas oscillações thermicas subtaneas e bruscas, longe de retemperar o organismo combalido dos caminheiros, mais e mais lhes esgotam as energias vitaes periclitantes. Logo adiante, falleceu outro homem abruptatamente. O tragico successo abala a todos e deprime as forças alquebradas de D. Thomasia. Cercada dos filhos, que choram de fome e sêde e gritam por repouso, pede a misera ao marido que se vá e que sozinho salve a vida; porque ella outra cousa não almeja senão findar-se ali em meio dos entes queridos. A situação era de desanimar. Diante de tão tocante espectaculo, uns soldados logo rebentam em prantos copiosos, enquanto outros, mais animosos e valentes, supplicavam-lhe, em vão, que proseguisse. A tão obstinada resolução arrancou-a o Capitão-mór com a promessa formal de que pouco adiante encontrariam agua em abundancia para saciarem a sêde. Dali a horas, havia com effeito uma cacimba de que todos se acercaram.

O liquido nella existente era, porém, intragavel, não havendo quem o pudesse beber. Collectada desde muito em depressão natural da terra e concentrados os seus saes pela evaporação, a ponto de se tornar xaroposa, repugnaria aos proprios animaes. Tinha a localidade, com justa razão, o nome de *agua amargosa*. Foi preciso continuar a tormentosa derrota.

Com redobrados esforços alcançam os itinerantes a beira de um mangue, em cujos terrenos lamacentos, atravessados com agua pela cinta, apenas conseguiram a magra provisão para o sustento de

um dia. Alguns *urutús*, que são devorados crús, sofregamente, «como se fôra algum guisado saboroso».

A seguir, acham, no lugar chamado *agua maré* ou Guamoré, oito leguas além, um poço d'agua boa, onde arrancham por alguns dias. Estavam na altura das salinas, quando lobrigaram velejando ao longe um barco, que logo se perde no além. O incidente, trivialissimo em outras circumstancias para quem viaja pela costa, tomou aos olhos de todos a assustadora proporção de uma catastrophe. O desapparecimento daquella embarcação parecia-lhes um presagio de aniquilamento geral. Os gemidos e os murmurios de angustia avolumam-se então em clamores de ira e de desespero.

Não desfiara, todavia, aquella pobre gente, todo o rosario de seus padecimentos. Como para heroicizá-la, cedo lhe reservaria o destino novas provações.

Dias depois, era, com effeito, o coração longanime do Capitão-mór mais uma vez alanceado pela fatalidade. Consumido da fome, abate-se-lhe nos braços para sempre o filho mais velho, rapaz que contava 18 annos apenas.

Morreu de inanição junto ao mar do meio norte em que iriam repousar pelo tempo adiante os corpos esmirrados de tantos infantes, colhidos, como elle, em pleno exodo pelo mal cearense.

Geral consternação causou o traspasse. Agora são os homens, que, fazendo côro ás creanças, reclamam á morte como a hora suprema da libertação. Os veteranos caminheiros sentem-se sem energia e sem forças para supportar maiores desgraças e vexações.

O rude golpe, se não logrou quebrantar de vez o animo varonil de Pero Coelho, saturou-lhe para sempre a alma de amargura e de desalento.

Nesse transe doloroso, D. Thomasia sublimou-se por uma acção superior ás forças de seu sexo. Esquecida das proprias dores, foi como o anjo da consolação e da esperança que diffundiu alento naquelles animos abatidos. As palavras animadoras dessa mulher forte, ungidas de ternura e conforto, acorda-

ram de novo ao sentimento da vida homens que já se resfriavam no ambiente de morte. (6)

Seguiram avante. Um ardor novo parecia animá-los. Eram, porém, desoladoras as condições moraes e physicas da pobre gente. A exhaustão e a miseria tocavam ao auge; estavam todos tão fracos, que um sopro mais forte de vento os derrubava; alquebrados, vão os homens caindo um a um sobre o dorso volante das dunas.

Ainda nessa phase da tragica caminhada, não se lhe altera a norma de conducta; indefesso e heroico, deixa Pero Coelho os companheiros abatidos e adianta-se á cata de soccorro. Acompanhado de dois soldados apenas, ei-lo a vencer com afoiteza cerca de seis leguas através dos dominios dos tapuias inimigos, para buscar a agua com que dessedenta e faz avançar mais um pouco a faminta caravana.

Reduzido assim ao mais terrivel aniquilamento, chegou o bando ás proximidades de Natal, onde piedosamente os faz recolher e tratar por indios domesticos o padre Manuel Correia Soares, vigario do Rio Grande do Norte. Avisado sem duvida pelos transfugas da desgraçada situação dos antigos companheiros, encaminhara-se ao encontro delles, levando soccorros e rêdes, em que foram transportados ao povoado.

Narra-se que o vigario se desfazia em pranto, dando a beijar o crucifixo aos homens da bandeira. Não era para menos. Tinha diante de si seres que mais pareciam espectros.

Refeitos, passaram todos á Parahyba, donde Pero Coelho se foi para o reino. O resto da vida consumiu-a elle em Madrid, a reclamar inutilmente do governo metropolitano a paga dos serviços que prestara na conquista do Ceará. Fatigado de tantas luctas e desilludido, falleceu esquecido e pobre em Lisboa, em data ainda incerta.

---

(6)—Esse trecho, em parte transcripto de Catunda, é aqui collocado no lugar onde o devia ter posto aquelle escriptor em seu trabalho sobre a historia do Ceará, para respeitar a verdade.

Malsinado injustamente pelos chronistas e historiadores, mesmo cearenses, Pero Coelho é credor de nosso apreço e de nossa admiração. Seu nome, encabeçando a lista das victimas cearense da secca, é o marco primeiro de nossa existencia historica. Teve crimes, sem duvida. Depoimentos os mais diversos o apontam como terrivel preador de indios.

Sublimou-o, porém, de toda culpa, a corôa de martyrio com que o destino lhe cingiu a fronte no drama de lagrimas e dores que aqui viveu. Nascido numa epocha em que escravizar e mesmo destruir povos indefesos de pelle vermelha ou negra era motivo de ufania—como de galardão fôra, seculo antes, massacrar a mourama innocente—, elle não podia escapar á acção do meio em que moirejou.